



MUSEU DR. MÁRIO BENTO

O Museu Dr. Mário Pires Bento ocupa o antigo lagar da família Cameira, após adaptação e ampliação do edifício para este novo fim pela Câmara Municipal de Penamacor. O museu guarda e exhibe seletivamente a coleção arqueológica e etnográfica doada pelo patrono, e mostra ainda a instalação industrial do lagar, construído no início da década de 40 do séc. XX e desativado nos anos 80, do qual se conservam todos os espaços funcionais e respetivos equipamentos mecânicos. A este acervo juntam-se outras peças entretanto oferecidas por diversos dadores. No primeiro piso situam-se a portaria do museu e uma zona de repouso com um pequeno bar, assim como os sanitários. A restante área é ocupada pelo lagar propriamente dito.

O segundo piso é constituído por uma área de trabalho, uma pequena reserva museológica e a zona expositiva, ocupada com a coleção de Mário Pires Bento, organizada em três núcleos: o 1 e o 2, de cariz etnográfico, dedicados, respetivamente, ao pão e ao vinho, e um terceiro dedicado à arqueologia, mais concretamente à presença romana no território da freguesia da Meimoa.

MUSEU



Dr. Mário Bento
MEIMOA

MORADA:

Estrada Nacional 233 | 6090-385 Penamacor

VISITAS POR MARCAÇÃO:

Tel.: 277 394 106 | Tm: 969 655 018

MUSEU DR. MÁRIO BENTO MEIMOA



COTRINANCADO POR:
CENTRO 2020



PORTUGAL
2020



PROVERE
Programa de Valorização Económica
de Recursos Endógenos





O PÃO

O pão é um dos alimentos essenciais da dieta alimentar local até aos anos sessenta, data em que o mundo rural, cristalizado em práticas e sistemas ancestrais, entra em rutura. Perdurou, no entanto, a sua importância alimentar e simbólica. O fabrico do pão é a última operação de um longo e, por vezes, árduo ciclo de trabalho.

Num primeiro bloco expositivo apresenta-se uma mostra sucinta dos objetos e alfaia utilizados no cultivo, ceifa e debulha dos cereais e na obtenção da farinha. Trata-se de peças anteriores à mecanização da agricultura e da moagem, ainda que algumas possam ser contemporâneas da utilização destes novos processos. Serão peças datáveis, num limite máximo, dos inícios dos anos 70. Algumas exibem marcas de uso intensivo e reparações sucessivas; são hoje instrumentos em desuso e tecnologias extintas.

A segunda parte da exposição centra-se no fabrico do pão. Os objetos mantêm a mesma antiguidade que as alfaia anteriores; o processo de fabrico modernizou-se entretanto, mas a mistura dos ingredientes (a farinha, o sal, a água e o fermento), os tempos de espera para faltar a massa e, por fim, a cozedura em forno de lenha, aqui não representada, continuam inalteráveis na atualidade.

O VINHO

Esta bebida, carregada de sentidos simbólicos, acompanha a vida das populações rurais tradicionais. Está presente nas celebrações rituais, nos convívios sociais e familiares e no duro quotidiano da vida no campo.

Mostram-se aqui os utensílios e equipamentos que serviam a vindima, a vinificação e o fabrico da aguardente. Este núcleo tem a particularidade de resultar da reunião de um conjunto de utensílios e equipamentos que Mário Pires Bento tinha ao seu serviço para produzir o seu próprio vinho. Não sendo as peças particularmente antigas, constituem um bom conjunto, coerente e relativamente completo, que documenta bem a atividade vinícola de uma casa agrícola de média dimensão da região. A vinha que possuía permitia uma produção regular e de alguma quantidade, utilizando os métodos tradicionais locais. Uma parte do vinho e da aguardente era vendida e outra era engarrafada, com rótulo próprio: *Cerquita*, nome da propriedade onde estava implantada a vinha.



ARQUEOLOGIA

A PRESENÇA ROMANA NO TERRITÓRIO DA FREGUESIA DA MEIMOA

A área da freguesia da Meimoa conheceu no período romano um intenso povoamento. Esta ocupação, que remonta aos finais do século I a. C., é testemunhada por abundantes materiais arqueológicos e ruínas de construções. O *vicus* mencionado na ara dedicada ao imperador Trajano, cuja localização é ainda incerta, seria o povoado mais importante deste território. Da arquitetura destes locais conhecemos muito pouco. Porém, os achados avulsos revelam-nos alguns aspetos das construções: o uso do granito para os elementos arquitetónicos mais elaborados, como, por exemplo, colunas, pilares e capitéis. Estão presentes os elementos de cobertura cerâmicos e os tijolos para fins diversos: pavimentos, arcos e alvenarias.

Os campos eram ocupados por explorações agropecuárias. As

mais importantes eram as *villae*. A mais notável parece ter sido a do Cabeço do Lameirão. Existiam também outras mais pequenas, os casais ou granjas, simples habitações e pequenos abrigos de apoio às atividades agrícolas. Nestas explorações produziam-se certamente cereais, leguminosas, vinho e azeite, a par da pastorícia e da criação de animais domésticos. As talhas, sempre presentes nestes sítios, serviam para o armazenamento do azeite, do vinho e também dos cereais. A par da moagem de cereais, praticava-se a tecelagem e a metalurgia. A vida destas populações era tutelada por divindades, clássicas ou locais, aspeto aqui evidenciado por uma ara dedicada a Júpiter. As famílias mais abastadas faziam guardar os restos mortais dos seus entes em túmulos sinalizados com inscrições em memória dos falecidos, ou simples estelas fincadas no chão, à cabeceira dos enterramentos. Por vezes, com os enterramentos, eram depositados alguns objetos de uso quotidiano, como oferendas rituais, p. ex., bilhas ou púcaros.

